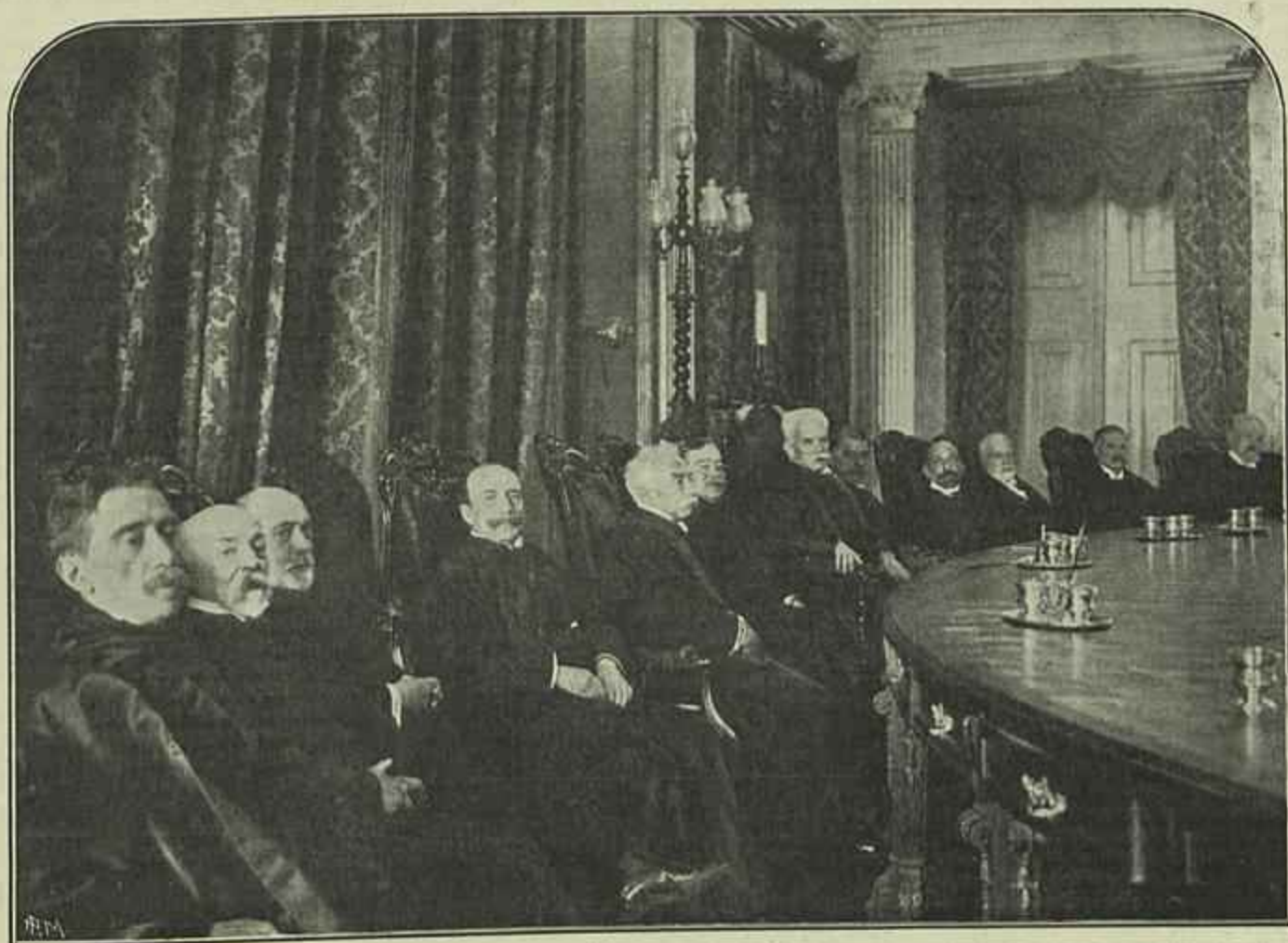


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1194	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	29 de Fevereiro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e Indis.....	5\$000	2\$500	650	120		



DR. AUGUSTO DE CASTRO — DR. ALMEIDA FERNANDES — DR. ALMEIDA PESSANHA — DR. TOVAR DE LEMOS — DR. PESTANA DE VASCONCELOS — DR. FERREIRA DA CUNHA — DR. F. J. DE MEDEIROS, *Presidente* — DR. POÇAS FALCÃO — DR. ABEL DE PINHO — DR. FERNANDO BRAGA — DR. JOAQUIM DE MELLO — DR. ALEXANDRE DE SOUSA MELLO.

NOVOS JUIZES DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

CRONICA OCCIDENTAL

Um dos assuntos que mais está interessando o publico, no actual momento, não porque seja um assunto novo, pois nele pesam o melhor de vinte e tres anos, mas por ser de capital interesse, é a ponte entre Lisboa e a vila de Almada.

Pois sobre o caso divagará esta cronica, no desejo de utilizar quanto possível ao leitor e de pugnar pelos progressos do país.

Se se tratasse tão sómente de uma obra decorativa a aumentar á já de si béla prespetiva do formoso Tejo, que é ao mesmo tempo um dos primeiros portos do mundo, não viria a cronica, nesta ocasião, fazer côro em pról de uma tal obra, notando o muito a que os poderes publicos e ainda a iniciativa particular — avis rara nesta terra da laranjeira — tem que atender para melhorar as condições materiaes, tanto como as moraes, deste bélo país.

Não, não viria avolumar as reclamações, que a cada hora e de todos os recantos da terra portugüesa, estão invadindo os ministerios, principalmente o do fomento, sobre obras necessarias por essas estradas, nos edificios publicos, e os que são precisos construir para varios fins, umas muito attendiveis e outras algo inoportunas. Mas com a ponte entre Lisboa e Almada dam-se circunstancias especiaes de não onerar o Estado e ter grande alcance economico.

Esta obra gigantesca tem a vantagem de reunir o util e o agradável, o que nem sempre acontece, quando se trata de obras de engenharia. Ela pôde ser uma obra monumental sob o ponto de vista da arte, e uma obra de alto interesse para a industria, especialmente a metalurgia, resultando da sua construção, grande desenvolvimento para a agricultura e comercio.

Como obra de embelesamento do Tejo é incomparavelmente superior a todas as pontes mais conhecidas, a de Brovkiyn, a do Tay a do Forth, etc.; mas abstraindo da arte, que é como quem diz da poesia, num país de poetas, e en-

trando no campo práctico, a ponte sobre o Tejo impõe-se como de ha muito ela estaria feita se em vez de sermos um povo enervado neste solo feracissimo sob um sol fertilisadôr, tivéssemos aquela actividade e espirito práctico do povo que fez de umas ilhas dispersas no meio do Oceano, um potentado como é a Inglaterra.

Então seria Lisboa, com as suas excellentes condições geograficas, um impório comercial, como a City, e a margem sul do Tejo, desde a Trafaria até o Barreiro ou onde mais se quizesse, uma outra cidade industrial, animada, cheia de vida, de movimento, que o mesmo é dizer abundante e rica.

Em logar dessas povoações mais ou menos miseraveis que se estendem por essa margem, ver-se-iam povoações florescentes, agradecendo á naturêsa os dotes que lhes deu e que tão mal aproveitados tem sido; ver-se-iam estaleiros, fabricas, casas de habitação confortaveis, higienicas a par de lindas vivendas, com suas quintas e jardins floridos para que lhe não faltam terras e magnificos pontos de vista que são um deslum-

bramento, seria finalmente uma terra opulenta mercê do trabalho, do movimento que ali se realisaria.

E se tudo isto poderia ser mesmo sem a ponte sobre o Tejo, claro é que com a ponte muito mais facilmente se poderá atingir um tal fim.

O assunto, que está preocupando o espirito publico, é velho, ventillou-se ha uns vinte e tres anos, com um projecto que então appareceu de ponte sobre o Tejo apresentado pelo sr. Bartissol e elaborado pelo engenheiro sr. Seyrig, construtor da ponte D. Luis, no Douro, entre o Porto e Vila Nova de Gaya.

E' esse projecto que o OCCIDENTE hoje reproduz como se ele já estivesse executado, entre Lisboa e Almada.

Este projecto provocou outro do engenheiro portuguez sr. André de Proença Vieira, combatendo até certo ponto aquelle, fundado em razões geologicas da inconveniencia de perfurar o subsolo de Lisboa com um tunel entre a estação do Rocio e a Rocha do Conde de Obidos, onde seria a entrada da ponte.

Anterior a estes projectos outro houve do engenheiro, tambem portuguez, Miguel Paes, que pretendia construir a ponte com os encontros em Xabregas e o Montijo, visando a ligação do caminho de ferro do Norte com a do Sul.

Este projecto, porém, do notavel engenheiro, exigia maior dispendio de capital, visto que a extensão da ponte seria de 4:500 metros, sem compensação equivalente, porque o movimento daquella zona ainda hoje não demonstra a necessidade dessa obra, tanto mais que, depois da ligação do caminho de ferro por Setil, Vendas Novas, as regiões mais do interior da Estremadura e do Alemtejo estão servidas por esta linha.

Vê-se, portanto, que a obra mais viavel é a da ponte entre Lisboa e Almada, como obra pratica — até ao ponto que seja pratica a sua construção — e como obra decorativa, o que tambem não é para desdenhar.

E, sem se sair do campo pratico, perguntará o leitor? Mas quanto custa essa obra e como poderá o Estado tomar esse encargo, se ele não tem dinheiro para outras obras bem mais modestas do que esta?

A isto ha a responder que, a ponte está orçada nuns oito a nove mil contos, e que o Estado não terá que dispendir com ela, desde que uma empresa particular a construa.

Ora é precisamento disto que se trata agora.

Ha de facto uma empresa que se propõe fazer a ponte, e que apresentou no ministerio do Fomento um requerimento firmado pelo sr. Carlos Alfredo da Silva, director da Fabrica Vulcano e presidente da Associação Industrial, requerimento que é do teor seguinte:

«Tendo o sinatorio requerido a v. ex.^a, em 7 de setembro ultimo, para que não fôsse aceite qualquer proposta provisoria ou definitiva que respeite á construção da ponte sobre o Tejo, sem previo concurso, condição normal e indispensavel dentro de um regimen democratico, vem renovar o mesmo pedido, aproveitando o momento para declarar que a empresa que constituirá será exclusivamente portugueza, dispondo desde já de todo o capital necessario para a execução imediata não só daquella obra monumental mas tambem de outros melhoramentos de incontestavel vantagem para a cidade de Lisboa e até mesmo para o desenvolvimento economico do nosso país.

Insiste portanto o sinatorio para que seja aberto o respectivo concurso, com deposito elevado, e que, em principio, só deva ter por fim averiguar de entre os concorrentes qual o que representa o plano mais vantajoso para os interesses publicos, quer de imediata quer de consequente execução, e tendo em vista, muito principalmente, a utilidade dos beneficios resultantes para o Estado e para a industria nacional, visto que está assente desde já que, toda a obra monumental a estabelecer será executada em Portugal, em officinas e por operarios portuguezes.

Apurado qual o concorrente que melhor projecto apresentasse e que mais vantagens offerecesse ao desenvolvimento rapido e immediato da economia nacional, a esse deveria ser feita a concessão provisoria, que só se tornaria efectiva depois de reforçado o deposito, que o requerente entende deve ser importante, para garantia absoluta da execução dos trabalhos, e logo que o concessionario apresentasse os projectos definitivos, estudos, prazos e todos os detalhes, tambem em harmonia com as bases de antemão fixadas, se faria, dentro de curto praso, o respectivo contracto definitivo.

Em harmonia com o que fica exposto, o requere-

rente pede a v. ex.^a se digne mandar abrir o respectivo concurso.»

Este requerimento faz supôr que ha já mais concorrentes á obra, o que não é de admirar e é de crêr que uma vez aberto concurso appareçam varios concorrentes, mesmo por que o concurso não se fará para outra coisa.

O que o Estado, porém, deve ter primeiro do que tudo em vista, é a maior ou menor possibilidade de se construir uma ponte sobre o Tejo, no local conveniente, e para isso deverá mandar fazer os devidos estudos por engenheiros competentes, contanto que esses estudos se façam dentro de um praso razoavel e não fiquem para as calendas, conforme os costumes da terra.

Sobre a base desses estudos, bem definidos e claros, é que se deverá abrir concurso, pouco devendo preocupar se os capitães da Empresa concessionaria são nacionaes ou estrangeiros, uma vez que o contracto se faça em condições de precisão e de clareza que não permitam pretextos de reclamações mais proximas ou mais remotas, de indemnizações, como infelizmente tem acontecido, não se sabe bem porque artes, com outras empresas concessionarias. Haja vista as questões Hersent, a dos Sanatorios da Madeira, a Hinton, a que se está ventillando agora do celebre caminho de ferro de Ambaca, etc.

Que a condição apresentada pelo sr. Alfredo da Silva, de toda a obra ser executada pela industria portugueza, seja exigida no concurso que se abrir, o que é da maior importancia para o trabalho nacional, garantindo o Estado isenção de direitos aduaneiros no material que haja a importar, visto que não temos no país muita da materia prima necessaria.

O Estado e o país só terão a lucrar com o capital que se mobilisa e com o trabalho que se cria.

São fontes de riqueza que primeiro que fertilisem o solo em que vão manar, animam o trabalho industrial, servem de escola pratica, desenvolvem as artes e os officios, são emfim a vida de que tanto precisamos, que é indispensavel á existencia de um povo adormecido que tem de acordar ou de morrer.

A ponte sobre o Tejo será uma obra tão util quanto patriotica quer pela sua importancia para as relações immediatas, faceis, entre as duas margens do rio beneficiando Lisboa, e ainda mais as povoações da Outra Banda, quer pela ligação das vias ferreas do sul com as do Norte e Leste que vae facilitar todo o trafego.

Que essa obra se realice deverá ser o desejo de todos os portuguezes, e emquanto se não poder gosar de a vêr no Tejo, que o leitor a vá já vendo no papel na bela prespétiva que a nossa gravura a apresenta.

CAETANO ALBERTO.

NOVOS JUIZES DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Em virtude do Decreto de 20 de Novembro de 1910 vae-se operando um desusado movimento ascencional na magistratura d'este país, assim judicial, como do ministerio publico. Pela legislação anterior aposentavam-se os magistrados quando se viam impossibilitados de continuar no exercicio de suas funcções, sendo essa impossibilidade physica, ou mental, devidamente verificada por uma inspecção sanitaria. Mas o decreto citado, fixando nos setenta annos o limite da idade dos magistrados, obrigou a aposentarem-se todos os juizes que tinham attingido este limite, embora alguns d'elles fôsem homens válidos e de provadissima competencia, pela illustração e excellente criterio.

Segundo a lei franceza o limite da idade dos magistrados judiciaes é aos setenta e cinco annos. O nosso decreto de 20 de dezembro *auctorisa a continuação do exercicio de suas funcções a qualquer juiz do Supremo Tribunal de Justiça que seja dotado de robustez physica e de raro valor intellectual*, não podendo, porém, essa auctorisação ir além do limite dos setenta e cinco annos.

Esta auctorisação condicionada é uma porta falsa para abusos e favoritismos, attentos os nossos costumes politicos. Mas o certo é, que nenhum dos juizes do Supremo Tribunal de Justiça que attingiram o limite de setenta annos foi julgado nas condições de continuar a servir. Fôram todos arremessados de chofre para a vala commum, sem responsos, nem agua benta, pelo joven advogado que é ministro da justiça. Nem um só

se salvou da hecatombe. Mas, como os encargos resultantes das aposentações dos magistrados excediam as previsões do orçamento geral do Estado, foi augmentado com a quantia de 52.100\$000 réis o subsidio á caixa das aposentações pela lei de 20 de janeiro de 1912. E como as circunstancias urgiam, e a occasião não era azada para delongas, fôram logo aposentados por decreto de 3 de fevereiro treze juizes do Supremo Tribunal de Justiça, oito de segunda e tres de primeira instancia.

As vagas do Supremo Tribunal de Justiça fôram preenchidas por juizes de segunda instancia das Relações de Lisboa e Porto, quaes fôram da Relação de Lisboa, os srs. drs. Antonio Augusto Fernandes Braga, Antonio Maria Vieira Lisboa, Afonso d'Almeida Fernandes, Augusto Maria de Castro e Eduardo Pereira Tovar de Lemos, e da Relação do Porto os drs. José Maria Pestana de Vasconcellos, Francisco d'Almeida Pessanha, Abel Augusto Correia de Pinho, Alexandre de Sousa Mello, Joaquim de Mello Ribeiro Pinto e Eduardo Martins da Costa. Estes novos juizes tomaram posse de seus cargos em sessão de 16 de fevereiro do corrente anno.

D'entre os antigos juizes que não haviam attingido o limite da idade ficaram no Supremo Tribunal de Justiça, tres, os srs. drs. Eduardo Abranches Ferreira da Cunha, Luiz Fisher Berquó, Poças Falcão e João José da Silva.

Foi nomeado presidente do Tribunal o juiz, então promovido, dr. Francisco José de Medeiros, que, antes de tomar posse do cargo de juiz, já era presidente. Determina a lei, que o presidente seja nomeado d'entre os juizes que o forem ao tempo da nomeação, e os juizes só entram na effectividade do cargo pelo acto de posse.

Considera-se a presidencia um logar de confiança, não de confiança politica, porque a politica dos partidos não tem accesso aos Tribunaes, mas sim de confiança moral. Por direito consuetudinario, ou praxe nunca alterada, fôram sempre nomeados presidentes dos tribunaes superiores os juizes mais antigos. Não consta, que houvesse em tempo algum, uma unica excepção em contrario, fôsse qual fôsse o partido que estivesse no poder. A magistratura acatava respeitosa e praxe estabelecida, sancionando com o seu assentimento a primazia da antiguidade. O contrario importaria um desdouro para os juizes preteridos. Não aconteceu agora assim.

Fôram nomeados presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e da Relação de Lisboa juizes que não eram os mais antigos, com preterição d'outros igualmente dignos. Este procedimento do governo da Republica pôde não ter agradado á magistratura, e não é de bom conselho introduzir nos tribunaes superiores a semente daninha de resentimentos e inimidades. A natureza humana não pôde ser superior aos estímulos do amor proprio offendido, *et durum est contra stimulum calcitrare*.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Do Lobito a Loanda

O porto do Lobito é sem duvida o melhor porto natural de toda a Africa. N'uma região onde nunca ha temporaes, é defendido da ondulação como a maioria dos bons portos d'esta costa occidental africana por uma lingua d'areia, com perto de cinco kilometros de comprimento, fazendo o effeito d'um magnifico quebra-mar construido pela Providencia. Com muito fundo, pequena amplitude de mares, sem baixos, sem correntes, parece um lago. Até ha pouco era quasi desconhecido. Quando em 1902 se assignou o contracto para a construção do actual caminho de ferro de Benguella, estava hospede do rei de Inglaterra Eduardo VII, no Castello de Windsor. Ninguém ali sabia onde estava situado tal porto e eu, que ali entrara em 1892 commandando a canhoneira *Limpopo*, tive a honra de dar uma pequena lição de geographia a alguns almirantes. Hoje é mais conhecido em Inglaterra do que qualquer outro ponto da costa de Angola.

Quando o *S. Gabriel* se avistou, todos imaginaram que se approximava um cruzador inglez, por isso que portuguez nunca ali estivera nenhum.

Não havendo ali força publica, existindo importantes interesses estrangeiros — já se gasta-

ram no caminho de ferro 15000 contos de réis — e sendo necessário contar com a má vontade de Benguella e Catumbella que a linha ferrea certamente muito prejudicará, parece-me da maior conveniencia que frequentemente façam escala pelo Lobito navios da nossa marinha de guerra. Isto é facil e vantajoso visto o porto ser optimo, o clima bom, a agua de boa qualidade e facil de obter e o carvão, briquettes de Cardiff, muito mais barato do que em Loanda.

Pouco depois de fundear troquei visitas com o intendente, director do caminho de ferro Mariano Machado e chefe da fiscalisação major de engenharia Carlos Roma Machado. Estava no porto atracado á ponte o vapor inglez *Susquehanna*, descarregando quarenta kilometros de rails e travessas metallicas.

Partimos da estação do Lobito pelas 7 horas da manhã do dia 27 de fevereiro, acompanhados pelo director do caminho de ferro, engenheiro residente inspector de machinas Jackson, engenheiro de districto Schofield e chefe de via e obras Varian. Conduzia o comboyo, dois salões, uma carruagem para as praças e material para o assentamento da via que se estava fazendo á razão de mais de um kilometro por dia. A's 8,25 parámos em Benguella, kilometro 36, e pouco depois seguimos para o interior atravessando uma região meio arida com uma vegetação rachitica, devido á falta de chuvas, o que muito difficulta a exploração da linha. Pouca agua ha para as locomotivas e essa pouca está quasi sempre impregnada de magnesia que ataca as caldeiras. Dos kilometros 50 a 53 existe a cremlheira do monte Saha onde se sobem 160 metros.

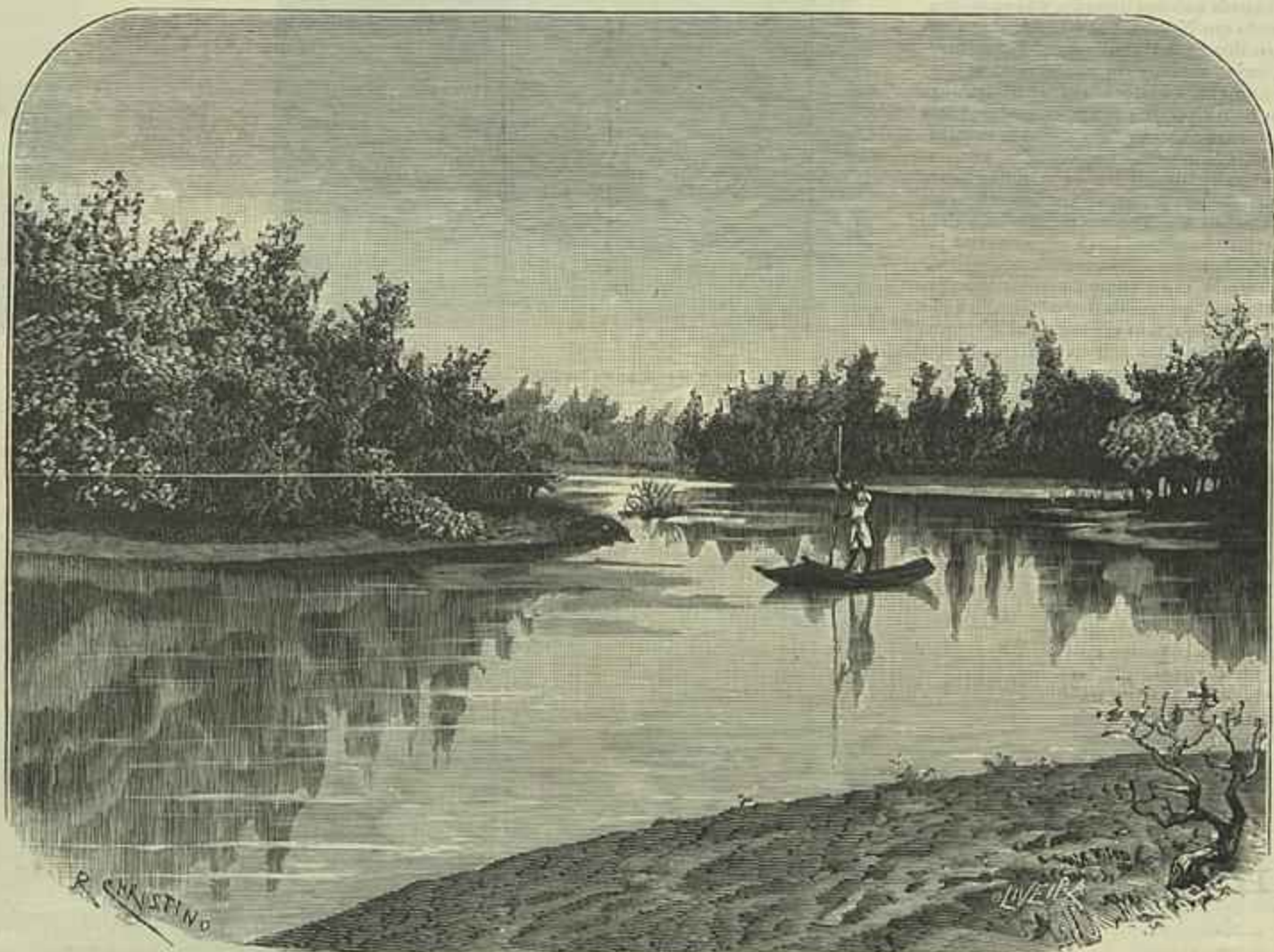
pta a linha, um movimento de 93000 toneladas de mercadorias por mez, além do movimento de malas e passageiros.

Pelas 8 horas da noite do dia 1 de março suspendemos e começámos a navegar em direcção a Loanda, illuminando com o projector de vante as boias e as margens do porto. Na manhã do dia 2, bom tempo e terra á vista por estibordo. A's 2,15 marcou-se pelo travez o farol das Palmeirinhas e, navegando ao longo da terra, fundámos em Loanda pelas 5,30, perto da cidade, salvando em seguida á terra.

Loanda, 2 de março de 1911.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



UMA VISTA DO RIO LOBITO

No dia 25 entrou no porto o paquete portuguez *Portugal*, no qual seguiu para Lisboa o 1.º marheiro 1757, Manoel Henrique dos Santos, que o medico de bordo declarou dever regressar á Metropole por estar atacado de tuberculose. Seguiu no mesmo paquete para Loanda o governador do districto que fui esperar á estação e me veio cumprimentar a bordo.

Pelo director da Companhia do Caminho de ferro foram-nos muito amavelmente fornecidos passes para os officiaes e praças poderem livremente circular na linha. Convidei a almoçar a bordo no dia 26 o director do caminho de ferro, o fiscal do governo e o engenheiro residente E. Robins. A' noite foi-nos offerecido um jantar pelo director.

A convite de s. ex.ª foram, no dia seguinte, percorrer parte da linha 6 officiaes, 2 sargentos e 32 praças do *S. Gabriel*.

O caminho de ferro de Benguella é o mais gigantesco empreendimento que tem visto as nossas colonias. Uma linha ferrea que até Katinga, região das minas de cobre, terá um percurso de 2.000 kilometros, sendo 1.200 em territorio portuguez. Estão já em exploração 320 kilometros até á estação de Cuma e d'ali tem já vindo para o Lobito comboys com borraça no valôr de 250 contos de réis. E' ao mesmo tempo a unica linha ferrea colonial que o governo não paga ou subsidia visto que além de todas as vantagens indirectas do caminho de ferro, recebeu dez por cento das açções.

Do kilometro 83, estação de Coroteva, regressaram os officiaes e praças que tinham que voltar a bordo no mesmo dia. Na Portella de Corotevo attingimos a altitude de 899 metros. A partir do kilometro 135 começa a região das chuvas e a campo começa a ser bonito, todo coberto de verdura e fertil. A's 9 horas da noite chegámos ao kilometro 200, estação do Cubal, onde nos foi offerecido um jantar pelo engenheiro residente E. Robins. Na manhã do dia 28 continuámos para o interior rebocados por uma bella locomotiva construida por Kitson & C.ª em Leeds, em 1910.

No kilometro 272 atravessámos a ponte metallica de Catumbella no 279 as plantações de trigo da serra de Oendalongo e no 320, fim da parte da linha em exploração, fomos encontrar, armazens de borraça, começo de estradas em construcção, lojas para indigenas e permuta de borraça, restaurante e um bar com uma barmaid austriaca e phonographo. A linha está perfectamente bem assente, com rails de 30 kilogrammas, pontes e postes telegraphicos metallicos, etc. e sobre ella andámos por vezes a mais de 40 kilometros á hora. Brevemente deve ficar assente até ao kilometro 360. Voltámos de tarde para o Cubal onde passámos a noite e na manhã seguinte partimos para o Lobito onde chegámos pelas 6,30 da tarde. Assim terminou a nossa visita a esta grandiosa obra que n'um futuro muito proximo deve trazer ao porto do Lobito um espantoso movimento. Calcula-se, depois de prom-

Uma casa portuguesa

Quem viajar por nosso país com olhos de ver e espirito de curiosidade, encontra muito em que detenha a sua atenção, observando os caracteristicos de cada cidade, de cada vila ou de cada aldeia, na variedade de seus tipos, usos e habitos em harmonia com a região em que se habita, consoante o trabalho de que se vive, o torrão que se ocupa e explora e o clima.

Dahi resulta, naturalmente, uma certa variedade na estrutura da casa de habitação, constituindo tipos locais de casas portuguesas — tratando destas — em que não é facil classificar qual o tipo mais caracteristico, mais nacional.

Não é a primeira vez que esta revista se ocupa do assunto, que nela foi tratado pelo nosso velho amigo e colaborador sr. Henrique das Neves e pelo falecido archeologo e escritor, que todos hoje pranteamos, Gabriel Pereira (1).

Este erudito escritor dizia, sobre o assunto, nesta revista:

«A casa varia, adapta-se ao clima e aos costumes do habitante. Estudando a casa portuguesa, devemos marcar a rural e a urbana. A minhota,

(1) Vid. OCCIDENTE, vol. XIX, de 1896, paginas 102, 109 e 132.

com o seu eido, difere do casal alentejano, com o seu quintal ou quinchoso: diferem no aspéto, no lar e chaminé, pela falta ou pela abundancia da cal, nas varandas, que no sul chegam a ser terraços. Basta a neve, que na região norte do país forma, no inverno, espessas camadas, para originar diferenças de construção.

Os grandes telhados mui salientes das casas da Beira são defesas contra a invernia e os nevões. E as condições sociaes, ainda mesmo as circumstancias de segurança pessoal, são origens de variantes.

Estas considerações vem a proposito de uma casa de tipo português, que o sr. dr. Vieira Guimarães, autor da obra *A Ordem de Cristo* e de muitos outros trabalhos literarios de critica artistica em jornaes e revistas, revelando seus estudos e predileção pelo tipo da casa portuguesa, mandou agora construir sob sua direcção, na sua quinta, nas margens do rio Nabão, para residencia propria, no centro dos seus trabalhos de olivicultura.

Essa casa, cujos aspéto reproduzimos em gravuras neste numero, obedece em seus delineamentos a um belo tipo de casa portuguesa, mais urbana do que rustica, com suas escadas exteriores e alpendres, chaminés ornamentadas, etc.

Mas outras particularidades ha a notar nesta casa, quaes as do seu autor, se ter inspirado no grande monumento de Tomar escolhendo dele varios motivos ornamentaes para algumas das janelas e portas, modelos do famoso convento de Cristo, sobresaindo entre aquelas o de uma janela do seculo XVI que mais foi admirada pelo arquiteto A. Haulp, quando visitou aquele monumento e a reproduziu no seu livro *Renascença Portuguesa*.

As paredes exteriores são decoradas com pratos de cerâmica em que se vêem de D. Diniz, Gualdim Paes, Infante D. Henrique, D. Gil Martins, etc., assim como azulejos representando S. José e Gualdim Paes vindo a cavallo de Tomar para a sua casa capitular.

Esta casa representa um curioso estudo do sr. dr. Vieira Guimarães, ao mesmo tempo que louvavel patriotismo, digno de ser imitado, para que se conserve caracter nas nossas casas, que o mesmo é conservar caracter nacional, deixando-nos de imitações e adaptações, tanta vez disparatadas, que se encontram por esse país fóra.

ARTE

«Roma», a nova opera de Massenet

Mais um novo trabalho musical nos apresenta o insigne compositor francez Julio Massenet, tão querido do nosso publico. O theatro da Opera de Monte Carlo, sob a direcção de Raul Gunsburg, deu ha dias a primeira representação da *Roma*, opera tragica, como lhe chama o auctor.

Massenet inspirou-se no antigo trabalho theatral do escriptór italiano Parodi, *A Roma vencida*. Esta peça alcançou grande nomeada quando representada em 23 de setembro de 1876; então n'essa época o manuscrito já tinha sido lido por Sarcey que lhe fizera o maximo dos encomios. Henri Cain seguiu quasi passo a passo a tragedia, fazendo-lhe todavia algumas modificações em varias scenas e nos finais dos actos.

Eis, nos seus traços geraes, o enredo da peça: Estamos no anno de 216 antes de Christo em Roma. O povo lamenta-se, e cada dia que nasce mais horas são de profunda tristeza; Anibal tinha infligido ao exercito romano varias derrotas e avançára quasi até junto das portas da cidade.



FACHADA DO NASCITE

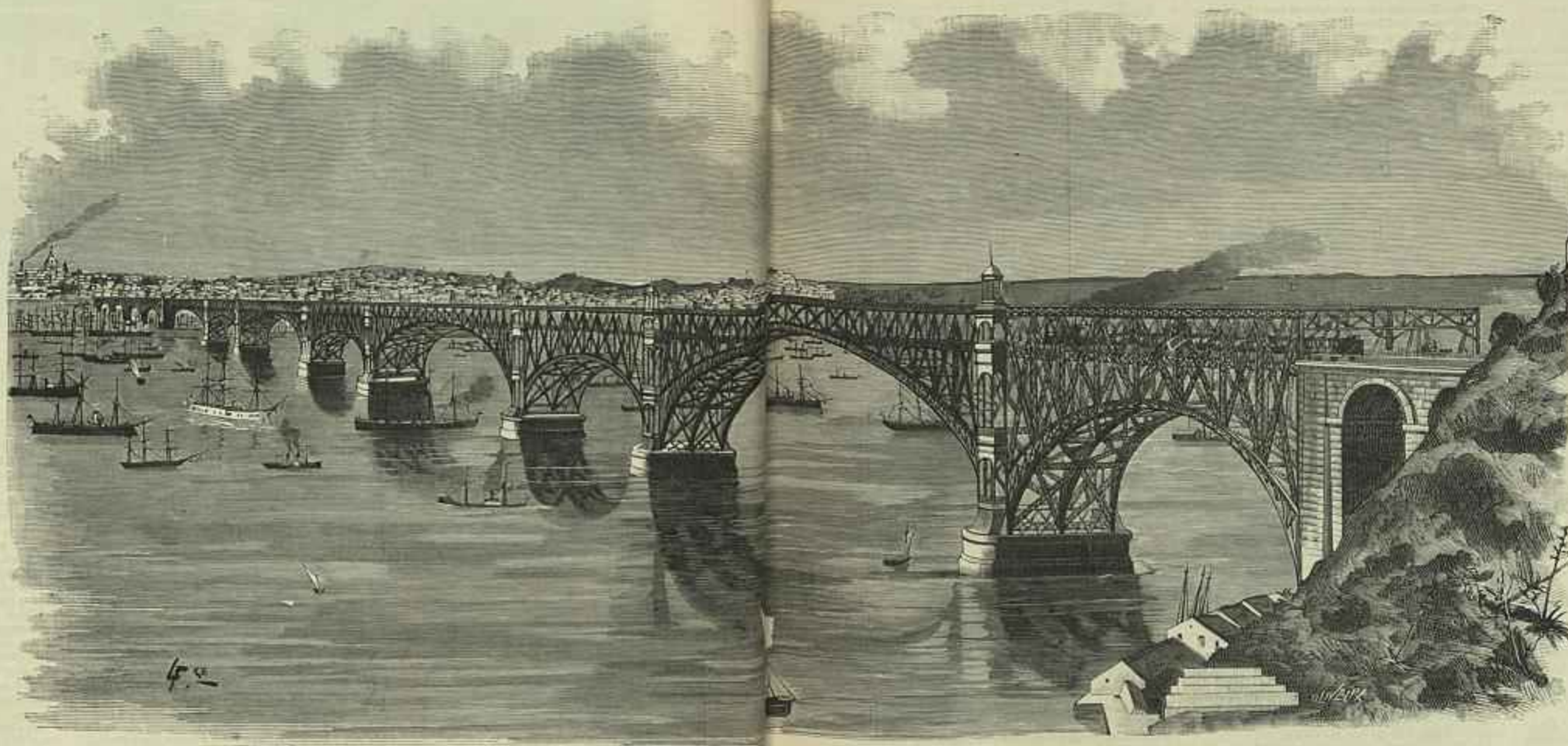


DO NORTE

UMA CASA PORTUGUESA — Delineada pelo proprietario sr. comendador dr. Vieira Guimarães



FACHADA DO SUL



O PRIMEIRO PROJETO DA PONTE SOBRE O TEJO ENTRE BOA E A OUTRA BANDA PELO SRS. E. BARTISSOL E T. SEYRIG

(Veja a revista Occidental)

N'um breve momento a multidão é sacudida pelo terrôr, corre a noticia que o lume sagrado do templo de Vesta se tinha apagado! Esta desgraça succedera com certeza pela falta d'uma vestal sacrilega. O senador Fabius, tio da vestal Fausta, consegue a serenidade entre os romanos. Eis que chega n'este momento, coberto de sangue e poeira, o tribuno Lentulus, um dos que escapára da derrota de Cannes. O senador Fabius diz aos romanos que a victoria será certa e que os barbaros africanos serão punidos. Bastará para isso punir a vestal culpada. Lentulus fica tremulo ao ouvir aquellas palavras e temendo de ouvir o nome da vestal criminosa.

No segundo acto a scena é passada no atrium do templo de Vesta. Fabius e o Pontifice combinam para descobrirem a virgem infiel. Durante o interrogatorio das vestaes, a grande sacerdotisa espia os olhares de cada rapariga. Sómente Junia se accusa a si propria de ter peccado, pois sonhára n'esse sentido! Mas Fabius e o Pontifice não podem acreditar tal ideia! Fabius então tem a lembrança de annunciar a morte de Lentulus. Fausta não pôde resistir ás palavras que ouviu e perde os sentidos. Fabius diz ao Pontifice que cumpra o seu dever.

O terceiro acto passa-se no Bosque Sagrado, onde as vestaes se reúnem para cumprir os ritos religiosos. Quando a cerimonia termina o Gaullex Vestapor revela o seu odio contra Roma e alegra-se das desgraças que martirizam a cidade. Elle convida a escrava Galla a estar contente com elle, mas esta está triste, chora por Fausta ir soffrer o castigo. Vestapor mataria antes o Pontifice que deixar executar um tal projecto.

Chega Lentulus; este tambem quer salvar Fausta sua amada; e tratam de combinar a fuga. O Gaullex conhece um subterraneo que a pôde conduzir para fóra do Bosque Sagrado. Lentulus

vae buscar Fausta e esta quando o vê fica louca de alegria. Combinam, no meio das mais doces palavras de amor, a fuga; Fausta não quer partir, *Vestal e Romana* deve soffrer a culpa. Mas o amor é mais forte e fogem. Chega o Pontifice para prender os culpados; apparece-lhe Vestapor que lança no póço a chave da crypta. Os romanos agarram-no causando-lhe as mais horriveis torturas, elle soffre tudo com a maior calma!

Estamos agora no interior da Curia Hostilia. O Senado está trabalhando. A dôr de Fabius é enorme e chora a desgraça de Fausta. Mas eis que Fausta chega, lançando-se aos pés do senador. Agora pertence a Fabius cumprir o seu dever. Fausta é interrogada, e diz claramente o seu crime, será digna d'um castigo como romana que é. E' condemnada a ser enterrada viva! Fabius querendo attenuar-lhe a morte dá a Posthumia um punhal para que Fausta se mate em qualquer momento.

No quinto acto é o logar onde se fazem os preparativos para o supplicio. Apparece Lentulus que se diz culpado, tendo sido elle quem fez peccar Fausta. Mas não é ouvido. Chega Posthumia com o punhal, mas como as mãos de Fausta já estejam ligadas, é ella propria que crava o punhal no coração da vestal. As legiões romanas chegam vencedoras, Anibal foj batido, Roma ficou vencedora!

Eis a peça nas suas linhas geraes. Vejamos o que nos diz a critica sobre a musica: temos uma pequena symphonia romantica construida na forma classica; a tonalidade é em *mi bemol*. Neste prefacio orchestral vem toda a ideia que domina a opera. Os cantos sagrados com a voz do Sacerdote dizem ser um trabalho de primeira ordem. O preludio do *Bosque Sagrado*, diz Schneider que é um trecho que se tornará conhecido como a *meditação da Thais*.

O duetto d'amôr, com os themas da *ouverture*, são páginas de musica d'um alto grau de inspiração.

Temos no 5.º acto um preludio coral que canta a esperança da victoria dos romanos. A aria de Fausta é lindissima e a orchestração cheia de contrastes.

Os principaes artistas foram: Kousnetzoff (Fausta), Lucy Arbell (Posthumia), Guiraudan (Junia), Muratore (Lentulus), Delmas (Fabius), Nati (Vestapor), Clauzure (Pontífice), Leon Jehin (director da orchestra).

O scenario de Visconti, d'uma grande riqueza. Massenet e executantes muito applaudidos. Quando teremos esta opera em S. Carlos?

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



A China de hoje

A Republica

As divergencias entre grandes grupos e o abuso de partidos tornaram de necessidade inadiavel uma alteração radical na forma de instituições politicas porque se regia o assombroso paiz do extremo oriente continental da Asia.

«China, leio, no tomo 4.º do *Grand Dictionnaire Universel du XIX Siècle*, por M. Pierre Larousse — Paris, 1869, nome do maior imperio da Asia e do mundo. A sua historia e tradições alcançam á mais remota antiguidade; e tanto a organização social do paiz como a sua civilização e lingua afiguram-se anteriores á constituição das sociedades mais antigas e das nações melhor polidas. Entretanto, ha tres seculos ainda, a Europa quasi desconhecia o que occorria na China. Presentemente, o commercio, a propaganda religiosa, a guerra e as relações diplomaticas, estabelecidas nos ultimos annos, têm-nos esclarecido por fim ácerca d'esta parte do mundo, tanto mysteriosa quanto original.»

Trese paginas incompletas se acham consagradas á China no tomo da citada obra de Larousse; mas, não obstante a esplendida orientação de tão longo texto, contudo, vou socorrer-me de outras fontes, preferiveis pela alta razão de mais proximas da actualidade.

A China, confrontando com a Siberia pelo norte, com o Turkistan e o Indostão pelo oeste, com o mesmo Indostão e Indo-China pelo sul e com o Oceano Pacifico pelo leste, abrange uma superficie de dez milhões de kilometros quadrados e uma população superior a quatrocentos milhões de almas.

«Ainda que a civilização da China, sustentou com acerto o illustre professor Consiglieri Pedroso (*Compendio de Historia Universal*) seja uma das mais antigas que se conheceu, nenhuma tem comparativamente progredido menos, ou antes nenhuma tem ficado por mais tempo relativamente tão estacionaria como ella. As causas d'este estacionamento devem ter sido muito complexas, e no seu numero parece deverem entrar: a qualidade da raça, a forma de governo, a religião, e o isolamento em que até hoje esta civilização se tem desenvolvido.

A forma de governo, no fundo sempre a mesma, apesar das sanguinolentas revoluções que tem substituído umas a outras dynastias, é o *familial*, isto é: a organização do estado em tudo conforme á organização da familia. N'um regimen d'esta ordem, perfeitamente analogo ao regimen patriarchal, o imperador é ao mesmo tempo chefe e pae de todos os seus subditos, que formam apenas uma unica familia, sem distincções de castas ou hierarchias. Além d'isso para que a auctoridade do monarcha possa adquirir esse caracter de omnipresença, que distingue o poder paterno no seio da familia, é preciso que pelos seus representantes ella se possa estender até aos ultimos confins do imperio, achando-se a todo o momento e em toda a parte representada. E' o que explica o complicado machinismo do numero funcionalismo chinês, recrutado entre os letrados, e governado pela classe dos *mandarins* ou funcionarios superiores. Se bem que na China haja tres religiões dominantes — o *budismo* ou religião de *Fo*, o *taoismo* ou religião metaphysica e o *confucionismo* ou religião positiva, é esta ultima a que tem maior influencia nos espiritos em virtude do «culto dos antepassados» que constitue o seu principio fundamental, por isso que este culto é o mais affirmo ao estado de fetichismo em que se acha a quasi totalidade da população

sem exceptuar as classes *instruidas*, e portanto o que para ella se torna mais intelligivel. A philosophia acha-se representada na China pelas escolas rivaes de Confucio, Lao-Tsue e Mencio, cujo antagonismo, principalmente o das duas primeiras, se manifesta nas religiões a que respectivamente ellas servem de theodicea. Finalmente, a arte é a verdadeira expressão da civilização chinesa. Sem ideal em que se inspire e do qual tire o estimulo para a sua perfectibilidade, cabe no processo da imitação banal em que a exactidão dos pormenores só serve para encobrir a falta absoluta de uma idéa superior que a domine.»

Pertence o chinês á raça mongolica, e o typo mongolico «assenta ao das raças amarellas em geral.» (*L'Anthropologie*, por Topinard).

Lê se, em Mantegazza (*Os Caracteres Humanos*, traducção de Joaquim Leitão:

«A historia da China seria diversa, se os chinezes não fôsem opiofagos...»

O illustre Fréret *Oeuvres Complètes*, tomo 13, Paris, 1796), em relação á escripta antiga da China, exprimiu-se n'estes precisos termos!

«E' constante e antiga tradição, entre os letrados da China, que nos tempos remotos a escripta era arte desconhecida no paiz e que em sua falta se empregavam cordeis cheios de nós, que, segundo a distancia que os separava e os seus diferentes agrupamentos, não só serviam para despertar idéas de que devia conservar-se memoria mas tambem para communicar-as ás pessoas, na intelligencia de similhante escripta.»

E' tempo, agora, de ser concedida a palavra ao diplomata brasileiro, Henrique C. R. Lisboa (*A China e os Chins*, Montevideo, 1888) que, em missão do seu paiz visitou aquelle povo singular:

«Não são poucos os escriptores que classificam os habitantes da China como pertencentes á raça mongolica. Essa é, mesmo, a opinião mais vulgarizada e de que os adversarios da immigração chinesa no Brazil não duvidam tirar partido, acenando ao patriotismo o perigo da nossa futura mongolização.

Não sei, realmente, qual seja a origem de tão crasso erro; talvez a casualidade de ter Marco Polo visitado a China e dado as primeiras noticias circunstanciadas d'aquelle Imperio justamente na curta época em que achava-se elle submettido dos descendentes mongóes de Gengiskan. Mas poderia-se assim, com tanto fundamento, attribuir igual origem aos actuaes habitantes da Europa oriental, até onde alcançou o dominio d'aquelles celebres conquistadores. Não encontro, na verdade, outra explicação para tal confusão, pois nem na apparencia physica nem no caracter e nos costumes assemelham-se os chins aos mongóes. Estes são de conformação mais robusta, de hombros quadrados e pescoço curto, o que os francezes chamam *trapu*, provavelmente por fazerem pouco exercicio a pé, passando, á maneira dos gaúchos, quasi toda a vida a cavallo. Os chins são, ao contrario, bem formados e esguios. Não tem tão pouco os mongóes os olhos obliquos e a escassez de barbas que caracterizam a raça chinesa. Além de tão notaveis distinctivos physicos, distanciam-se ainda as duas raças pela diversidade de caracter e costumes proprios de povos nomades e pastores uns e sedentarios e agricultores os outros.

Mas, nem os mongóes nem os mandchús, cujo typo aproxima se mais do chinês, interessam ao estudo que faz o objecto d'este capitulo. *Raças, Character e Costumes*). Tratarei pois da raça chinesa.

Pondo de parte as conjecturas anthropologicas que fazem descender os chins de um neto de Noé e filho de Japhet, e só remontando ás antigas tradições d'aquelle Imperio, verifica se que tiveram elles por berço a região situada ao nordeste do Rio Amarello, d'onde desceram ha mais de quatro mil annos para povoar as dezoito provincias, desalojando os antigos habitantes e enxotando-os pouco a pouco para as alcantiladas montanhas do sudoeste. Ahi, nos limites das provincias de Knei tcheu e Kuang-si mantem-se ainda hoje quasi independentes os restos d'essas tribus aborigenas, conhecidas pelo nome geral de *Miao-tse*, e cuja apparencia physica tem mais do typo cochinchinez do que do chinês.

Os *Miao-tse* formam a unica excepção de consideração á homogeneidade historica da raça que povoa a China. E digo historica porque, si bem attribue-se aos chins a origem indicada, dá se

n'aquelle imperio um facto pouco commum nas sociedades politicas em que se divide o mundo, e é que os habitantes das suas provincias offercem typos tão diversos como os que distinguem os povos, embora da mesma origem, que occupam o continente europêo.

Si se começar pelo norte, encontra-se mais robustez, barba mais fornida, tez clara e mesmo alguns olhos azues ou cabellos louros que contrastam com o titulo de *raça de cabellos pretos* de que tanto se ufam os chins. A medida que se desce para o sul a apparencia dos habitantes vai soffrendo sensiveis modificações, a tez escurece e as formas adelgaçam-se.

Não é difficil conjecturar o motivo d'essas differenças n'uma população pertencente á mesma raça; a diversidade das latitudes, da topographia do solo e das occupações a que se dedicam os habitantes de cada região as explicam sufficientemente e são causas que produzem os mesmos effeitos em muitos paizes occidentaes. Mas, na China, ainda accrescem motivos especiaes para distanciar o aspecto physico, o caracter e os costumes dos habitantes de provincias limitrophes ou mesmo de diversos districtos de uma só. A quasi autonomia com que funciona, na pratica, a administração das provincias ou das suas subdivisões; os habitos sedentarios da densa população que nem um instante pôde furtar ás occupações de que tira difficil subsistencia; a semelhança dos productos agricolas e industriaes, que torna insignificante entre regiões visinhas o movimento commercial, factor principal da fusão dos povos e aliás entregue na China, por antigos costumes, a uma casta relativamente reduzida; e finalmente, o apego ao sólo natal imposto pelo tradicional culto dos antepassados, são poderosas razões para que povos da mesma origem se isolem pouco a pouco, transformando-se, de accordo com o meio especial em que cada um vive, para formarem raças bastante distinctas pelo typo, pelo caracter, pelos costumes e dialectos.»

Lisboa, seguidamente, comprova o ultimo aserto, d'esta maneira:

«Assim, tomando como exemplo a provincia de Cantão, onde os estudos ethnographicos dos missionarios protestantes encontraram mais tempo e commodidades para desenvolver-se, verifica-se a existencia ahi de quatro aglomerações de população, cujos traços especiaes tornaram necessario distinguir pelas denominações de Puntí, Hakka, Hiaolo e Tankia.»

No que precede, e em contractos com povos de diversa indole e de varia civilização, alguns d'elles definidos em campos de batalha, como a guerra com o Japão e por intervenções armadas, como o caso dos consules e o commando em chefe das tropas das potencias exercido por um general allemão, em tudo isso assenta logicamente o movimento de emancipadora liberdade que, por força, haverá de pôr termo a predomínios insensatos, a privilegios improcedentes e a esmagamentos de miseria estupenda.

Não me atrevo, n'este momento, ao ensaio de prophetizar qual o desenlace das occurencias hodiernas, tanto mais quanto é certo que na vastidão territorial da China e na massa populosa de seus habitadores, cabem á voutade estados de organismo diferente e formalismo autonomo de todas as constituições.

O que seria, porém, melhor e mais conveniente á China? Evidentemente instituições genuinamente democraticas, sem margem possivel de mystificações repellentissimas e nojentissimas e sem quartel para arditosas harpias que vivem sempre no seguro á custa dos papalvos.

(Continúa)

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Literatura Estrangeira

A proposito duma edição portugueza da «Genoveva» de Lamartine.

Antipatisámos sempre com o despatriotismo artistico. Portugal fertil de talentos laureados popularisa desafortadamente a literatura estrangeira. Traduz-se muito, mal e mau. Meninas ledoras preferem o corrúto Teramond ao espirituoso Julio Cesar Machado. D'af a expansão immoralista da nossa época. A juventude prefere

Julio Diniz para educar-se com Memórias do ga-
tuno amador. D'af a criminalidade precoce atual-
mente difundida. Mas que ler?

Parece decadente a mentalidade portuguesa.
Aparecem volumes enfreixando crónicas de
jornaes, algo buriladas, e folhetinhos, muitos fo-
lhetinhos de versos mediocres.

Consagrados, como Teixeira de Queiroz, o de-
molidor da comedia burgueza, emudeceram.



LAMARTINE

No periodo atual de rejuvenescimento da so-
ciedade, todos os intellectuaes deviam ensinar a
tenacidade no esforço, o crédito humanista, a res-
peitabilidade mutua, o amor casto e fecundo à
terra-tater. Entendeu isto um livreiro inteligente.
Olhou a pleiade dos nossos escritores e... re-
correu a Lamartine. Escolheu mal? Não. La-
martine escreveu simplesmente poemas em prosa.
Idilios suaves e amores tristes. Amores de ro-
mântico porque românticos foram os seus amo-
res com Julia Desherrettes.

Genoveva intitula-se o volume lançado nas
montras dos livreiros alfacinhas. Memórias tor-
turantes duma costureira provençal. Soberbo nas
descrições, o leitor beneficia-se naquelas *monta-
nhas, prados e florestas* contemplando as *teas
de linho estendidas sobre relva*.

Lamartine se como paisagista é apreciavel,
como psicólogo animalista não o é menos. A
psicologia do cão o atesta: «Ha cães de todas as
classes, assim como o homem. Cães-mendigos, cães-
operarios, cães-burguezes, cães-senhores. Conhe-
cem-se pelo pello como o homem pelo traje. Por-
que? E' misterio. Conhecem-se pelo que são, de-
mais que não teem com que disfarçar-se. São
orgulhosos ou úmildes, consoante a escaleira so-
cial em que vivem. Invejiam ou respeitam como
acontece na vida humana. Toda a natureza é feita
do mesmo barro.

Aplaudindo pois a publicação deste livro não
modificamos a nossa opinião. Henrique Marques
Junior, o consciencioso e vernaculo tradutor de La-
martine, melhor faria produzindo originaes. Não
lhe escaseiam dotes literarios, mas... talvez os
editores.

Nós.

Chronicas Lyricas

Teatro de S. Carlos

Os espectaculos decorrem sem interesse — Abrem-se novos
horizontes — Mancinelli assiste a *Gioconda* — A cantora Lu-
cia Crestani — Um alvitre.

Estes ultimos dias as recitas em S. Carlos têm
continuado com frieza ainda mais evidente. A
empresa não tem dado operas novas e, franca-
mente, sempre *Gioconda* ou *Favorita*, é já para
estarmos saturados! Não que approvemos sem-
pre operas novas, mania do nosso publico, mas
poucas, bem cantadas e postas em scena com
brilhançismo; mas isto não é para nós, e n'este

sentido o nosso primeiro theatro lyrico está infe-
rior ao Colyseu onde vemos scenarios magnificos;
por isso variem os espectaculos ao menos para
nos rirmos um pouco.

Mas novos horizontes se abrem; a opera vac-
atê 16 de março, teremos novas operas, reporto-
rio wagneriano e novo turno de cantores como a
Gagliardi, Viñas, Macnez, etc.! Se houver operas
de Wagner, bem pôdem augmentar a orchestra,
senão será musica wagneriana a fingir, e o pu-
blico poderá perder a paciencia que tem tido até
agora.

Em uma das noites da *Gioconda*, quem en-
trasse no final do 2.º acto, pensaria que estaria
nas antigas noites do nosso theatro lyrico, as
ovações eram enormes, os *bravos* não tinham
fim, uma verdadeira apothose!

Para quem seriam tantos applausos?! Para a
Mazzoleni?! Para a Ladislawa?! Para o Del Ry?!
Para a orchestra?! Para a empresa?! Bem longe
d'isso! Eram para um artista que não cantara! —
Para o illustre director d'orchestra Luiz Mancinelli,
regente tão querido do nosso publico. Logo
que appareceu em um friza, o publico, artistas
d'orchestra e cantores fizeram-lhe uma manifes-
tação testemunhando-lhe assim a sua estima e
admiração. Quando olhamos para aquelle artista
recordamo-nos das bellas noites d'arte que Man-
cenelli nos deu e, francamente, pensámos se ti-
vesse cá estado quantas operas *salvára!* E' sem-
pre uma grande vantagem para uma empresa
obter a escriptura d'um director d'orchestra de
nome bem conhecido!

Mas nem sempre comprehendem assim e o
resultado... é o que nós sabemos.

Mais uma vez fallaremos da insigne cantôra
Lucia Crestani, uma das artistas mais queridas
do nosso publico e que até agora não foi suplan-
tada! Cantou a semana passada mais uma vez o
Mefistofeles, recebendo em toda a opera e espe-
cialmente no acto da *prisão* uma estrondosa ova-
ção!

Lucia Crestani é uma cantôra de linda voz,
grande arte e fina intelligencia!

E agora um alvitre, já que a *Tosca* está en-
saiada, teriamos uma boa occasião de ouvirmos
Crestani n'esta opera, um dos seus melhores tra-
balhos. Seremos ouvidos? Bom será

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

PELOS TEATROS

Espectáculos de Carnaval

Ainda que o Carnaval dos tempos modernos
não tenha o brilho e a animação que lhe deram
renome nas épocas em que o dinheiro e a alegria
existiam com maior abundância e apezar da mo-
notonia dos folguedos carnavalescos atuais aos
quais falta a graça e o espirito que caracteriza-
ram a geração passada da qual existem ainda
alguns endiabrados velhos-rapazes que com as
suas facécias nos fazem rir francamente, a con-
trastar com os casquilhos rapazes de agora, *snohs*
impenitentes, e *flirtours* de officio, a época em
questão não suportaria um só divertimento que
não tivesse o carácter folgazão que requer.

O Carnaval nas ruas nenhuma importância tem
hoje e vemo-lo passar deante dos nossos olhos
tão insípido e tão banal que chegamos a desejar
que não exista.

Por falar de espectáculos públicos e por ser o
assunto que aqui me traz devo dizer que o único
sítio onde o Carnaval se anima é nos teatros.

Nesses limitados recintos onde acorrem algu-
mas centenas de pessoas na ância de se diverti-
rem, menos para vêr os espectáculos constan-
tamente interrompidos ou perturbados pelos pro-
jecteis que do fragôr da carnavalesca peleja ao
palco chegam do que para folgarem, rirem, olha-
rem, sorrirem, conhece-se melhor e melhor se
aprecia esse Carnaval modernizado dos *confetti* e
das palavras amorosas, das serpentinas e dos di-
tos de espirito, oriundo das saturnais da antiga
Roma, e no qual se vê que são de desafogo e
prazer esses dias e essas horas de louca agitação.

Mas uma outra coisa nos prende a atenção e
essa é propriamente o espectáculo. Não é por
certo a um drama de Ibsen ou a uma tragédia de

Shakespeare que vamos assistir. Para longe tal
ideia.

Vamos ao teatro Avenida que abriu novamente
as suas portas para nos dar uma operêta de E.
Vitale, intitulada a *Dansarina descalça*, imitação
de Acácio Antunes, música de F. Albini.

No Carnaval se passa a acção dessa operêta e
como nêle estamos pouco caso devemos fazer da
lógica e quejandas coisas com que nos costumamos
preocupar quando sômos pessoas sérias.

Esta *dansarina descalça* é uma história de
aventureiros e de criaturas que nos não desper-
tam a minima parcela de interesse.

Os entrêchos da maioria das operêtas são sem-
pre bastante caprichosos o que tem por fim pro-
duzir situações cómicas que estamos habituados
a vêr salpicadas de ditos mais ou menos engra-
çados e ás vezes maliciosos.

Pois na *Dansarina descalça* o que ha a mais
de caprichoso ha a menos de espirituoso.

Tem a seu favor apenas a música que é bas-
tante expressiva e de muito agradável audição.

Tomam parte nesta peça Cremilda de Oliveira,
Isabel Fragoso, José Ricardo, A. de Vasconcelos
e Almeida Cruz.

Como fruta da estação tivemos as revistas em
um acto das quais todos os ânos o Republica nos
costuma dar um exemplar.

Eu sou inimigo pessoal das revistas e não só
nunca me conseguiu agradar tal género de espe-
táculo mas tambem não sei verdadeiramente o
que deve ser uma revista, ou antes as qualidades
que precisa de ter para se considerar boa.

A graça que em todas elas se encontra é quasi
sempre pornográfica e não o sendo corre o risco
de não agradar aos amadores do género.

Quando são de grande espectáculo têm a seu
favôr o brilhançismo do scenário e o grande nú-
mero de figurantes que exibem a sua plástica, o
que tenta sobremaneira os cúpidos olhares dos
ardentes portuguezes.

A revista do República, *Ao de leve*, de Polito
Gino, presumida abreviação de Hypolito Hygino,
música original e coordenada de Tomás Lima,
conta apênas com a qualidade dos seus inter-
pretes.

Tem três quadros intitulados *Agência litero-
dramática*, *Como elas se armam* e *No cais das
perdições*.

Ali são tratados muito ao de leve alguns assun-
tos correntes: os plagiários, as feministas, as mo-
das exageradas, alusivamente o caso das chinê-
zas e ainda a indumentária de uma revista e os
sucessos teatraes.

O último quadro *No cais das perdições* imitado
do *Auto da Barca do Inferno*, tem uma certa
graça, estando na Barca da Glória um anjo de
calças empunhando uma vassoura e sendo o ar-
rais da outra barca o *homem fatal*.

Morto o Carnaval por este ano esperamos que
os distintos actores do República empreguem o
seu trabalho em obras de maior valia.

A. N.



A Revolução Portuguesa — O 31 de janeiro,
por Jorge de Abreu. — E' o terceiro volume da
Biblioteca Historica de que é editor Alfredo Da-
vid. Escusado é encarecer o interesse que este
livro, nas suas 180 paginas, deverá despertar no
publico lêdor. E' certo que se os factos que esta
historia narra e de que seu autor faz a critica, são
dos nossos dias, não é menos certo que delles se
ignoram muitos pormenores, que neste livro se
revelam e que fazem muita luz, de como se pre-
parou a revolução, que em 31 de janeiro de 1891,
surpreendeu a cidade do Porto, como alarmou
todo o país.

O livro é illustrado com os retratos dos princi-
paes promotores da revolução e outros episodios
da mesma, impresso nitidamente e numa linda
cartonagem.

Selos comemorativos da batalha das linhas
d'Elvas. — O nosso colega *Correio Elvense* pu-
blicou dois artisticos selos comemorativos do
253.º anniversario da dita batalha, que passou no
dia 14 de janeiro. Aviso aos colecionadores de
curiosidades.

NECROLOGIA

O Actor Valle

A respeito deste notavel comico que a morte agora arrebatou, escreviamos em 1908:

«Quem o não conhece?

Na scena ou por essas ruas de Lisboa todos dizem:

— Ali vai o Valle.

Ninguem pergunta que Valle é, uma vez que ha tantos. Mas quando se diz — O Valle, com certa entoação alegre, é elle, não pôde ser outro, é o que tem feito rir toda a Lisboa, todo o reino, todos os misantropos, todas as sogras irasciveis, todos os conselheiros graves, inteiricos, inexoraveis.

Que bemfeitor!

E todos lhe querem bem por isso. Os que o vão ver na scena e se lhes desopila o figado, a rirem, a rirem da sua graça natural, requintada com a arte; os autores das peças, que lhe alegre as algibeiras, porque peça em que entre o Valle, não se some facilmente pelo buraco do ponto. Ele lá está para a aviventar com a criação dos seus personagens comicos, tipicos, que em si encarna, com a verdade de observação de quem conhece toda a escala do grotesco e dos ridiculos humanos.

Basta lembrar todo aquele repertorio de comedias de Gervasio Lobato.

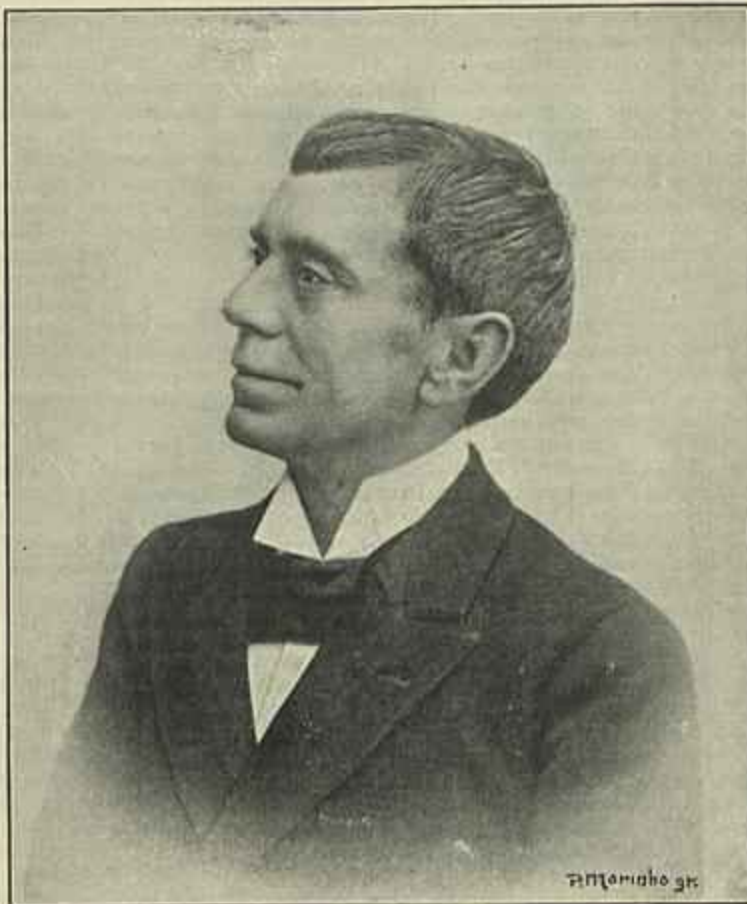
Como os dois se entendiam bem, se compreendiam.

Que noites deliciosas de teatro com o *Comissario de Policia*, com as *Noivas do Eneas*, com *Sua Excelencia*, com o *Em boa hora o diga*, com *O Burro do Sr. Alcaide*, com *O Solar dos Barrigas* e tantas outras, em que Valle tem suas mais virentes corôas de artista, que soube interpretar aqueles personagens copiados por Gervasio Lobato da grande comedia da vida, para os expôr á luz da ribalta com todo o relevo do comico, do ridiculo, do grotesco.

E nenhum outro artista melhor faz viver no palco esses tipos, pôl-os em evidencia aos olhos do publico a rebentar de riso, a conhecel-os d'aqui, d'alli e de acolá, os que ainda vivem, e viverão sempre entre nós, os que passaram á historia, os da tradição, todos prepassando ante a nossa vista, como um grande animatografo, em que o talento opéra sucessivas transformações.

E' assim a variedade dos tipos de Valle no seu vasto repertorio.

Todos o tem visto e admirado no Gymnasio, o teatro das suas glorias, como de glorias foi tambem de Taborda, o querido velhinho, que ainda passeia os seus oitenta e dois anos, da antiga



O ACTOR JOSÉ ANTONIO DO VALLE

rua dos Calafates até ao largo das Duas Egrejas, muito cosido com a parede para que algum diabolico automovel o não atropelasse, porque elle é velho de mais para que estes novos montros o conheçam e o respeitem.

Que o Valle chegue áqueles provecctos anos é o que nós e todos desejarão a este grande bemfeitor da humanidade triste.»

Infelizmente não chegou, porque morreu com pouco mais de 66 anos, tendo nascido, em Lisboa, a 20 de outubro de 1845.

Como tantos outros nossos autores, para que basta lembrar Taborda, Isidoro, Queiroz, Antonio Pedro, etc., José Antonio do Valle principiou a carreira, em que tanto havia de brilhar, num teatrinho improvisado em casa dum seu visinho chamado Paes. Depois, como amador, entrou numa recita, no teatro da Rua dos Condes, fazendo o papel de creança na comedia, *Casamento em miniatura*.

Como artista estrejou-se no teatro das Variedades na comedia *Um paroco virtuoso*. Das Va-

riedades passou para o Ginasio, onde teve por ensaiador o actor Romão e por mestre o grande Taborda. Sob tão bons auspicios e com a boa disposição natural que tinha para a cena, Valle fez progressos, e a breve trecho eil-o a caminho do Brasil, onde ia conquistar novos loiros e boas loiras, como de facto succedeu, pois não só agradou extraordinariamente ás plateias fluminenses, como esse agrado se traduziu em muito boas libras.

Fez-se empresario e influuiu para que outros artistas para lá fôssem, como Silva Pereira, Ana Cardoso, Silveira e mais. Mas quanto a sorte o favorecera como simples artista, quanto lhe foi adversa como empresario, perdendo o melhor do que havia ganho.

Voltou para Lisboa. Escriutrou-se no Ginasio, de que era empresario o Pinto. Fez ali epocas brilhantissimas com as peças de Gervasio Lobato, a que acima nos referimos.

Deixando este teatro, andou pelo D. Amelia, (hoje Republica), Rua dos Condes, Principe Real (hoje Apolo) e Avenida. Foi com repertorio de Gervasio Lobato e D. João da Camara, que fez epocas nestes teatros.

Por fim voltou para o seu querido Ginasio e, tendo o Pinto deixado o teatro de que fôra empresario mais de vinte anos, Valle tomou esse encargo, não sendo feliz.

Faltou-lhe repertorio de feição, principiou a faltar-lhe tambem a saude, e faltava lhe um tanto a bóssa administrativa.

Uma doença na lingua foi sucesivamente agravando-se, a ponto de o não deixar falar! O grande comico já não podia atrair ao seu teatro o publico que o idolatrava.

Valle entrou em tristeza, ele que era a alegria personificada!

Deixando a empresa, não deixou o seu Ginasio, onde ia todos os dias e todas as noites, até que na ultima veiu de lá em braços para sua casa defronte do teatro, no 48, onde habitava no 3.º andar, e ali expirou, na segunda feira gorda, 19 de fevereiro.

Em quarta-feira de Cinzas, quando o Carnaval emudecera e a cidade mais silenciosa descansava da orgiaca folia, atravessava as novas avenidas, em direção ao cemiterio oriental, um prestito funebre acompanhando quanto restava da viva alegria e graça de um homem que fizera rir duas gerações e que na sua terra, e nessa outra patria, o Brasil, fôra aclamado com delirio em noites de muita gloria!

Eram os restos do actor Valle que os seus colegas e amigos acompanhavam á ultima jazida.

Tudo era tristeza. O Carnaval, chuvoso, tambem fôra triste; faltara-lhe a alegria do sol e... talvez a alegria do Valle!

C. A.

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está publicado e recebem-se encomendas, na Empresa do "Occidente" Largo do Poço Novo — LISBOA

**PARA LEVANTAR
OU CONSERVAR
AS FORÇAS**

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200